

LIMITES ENTRE O PÚBLICO E PRIVADO NAS RELAÇÕES DE ADOLESCENTES ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS

[BOUNDARIES BETWEEN PUBLIC AND PRIVATE RELATIONS OF TEENAGERS THROUGH VIRTUAL SOCIAL NETWORKS]

Vanina Costa Dias

Fundação Pedro Leopoldo e

Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais.

Resumo: Este estudo objetivou analisar como se dão os processos de subjetivação de adolescentes a partir de suas relações nas redes sociais. Adotando a Netnografia, discutiram-se temáticas pertinentes ao uso dessas redes, compreendendo como esse uso influencia no processo de subjetivação dos adolescentes. Pretendeu-se mostrar de que forma o espaço virtual pode ser ao mesmo tempo um espaço público, onde a ação e o discurso de cada um ganham sentido na medida em que compartilham ideias e sentimentos comuns, e um espaço privado que se configura como um lugar do íntimo e da constituição de sua individualidade. A partir dos conceitos de virtual e atual desenvolvidos por Deleuze (1996) e de espaço público e privado discutidos por Arendt (1981), percebeu-se como os adolescentes constroem sua expressão da vida pública e privada compartilhados por eles nas redes sociais e assim constituem sua subjetividade.

Palavras-chave: Público e privado; adolescência; redes sociais.

Abstract: This study aimed to analyze how are the subjective processes of adolescents from their relationships on social networks. Adopting Netnography, discussed relevant themes to the use of these networks, including such use influences the subjective process of adolescents. It was intended to present how the virtual space can be both a public space where the action and discourse of each acquire sense in sharing ideas and common feelings, and a private space that is configured as a place the intimate and the establishment of their individuality. From the concepts off virtual and current developed by Deleuze (1996) and public and private space discussed by Arendt (1981), it perceives how adolescents build their expression of public and private life shared by them on social networks and thus constitute their subjectivity .

Keywords: Public and private; adolescence; social networks.

INTRODUÇÃO

O modo como as tecnologias da informação e comunicação, principalmente a Internet com suas ferramentas de comunicação, têm mudado radicalmente a vida cotidiana da população do mundo já foi contada inúmeras vezes, com diversas versões. Seus efeitos estendem-se a instituições, processos sociais, relações

interpessoais, estruturas de poder, trabalho, lazer, educação, e também às próprias pessoas como sujeitos individuais.

A introdução das chamadas novas mídias em nosso dia a dia, possibilitada principalmente pela internet, meio de comunicação fundamental enquanto nova forma de interação humana, tem sido, em determinadas situações, mal entendida e mal interpretada. É fato também que a própria noção de sociabilidade tem se transformado. Como afirma Tapias (2006):

As novas tecnologias da informação e da comunicação configuram um mundo-rede de fronteiras indefinidas que é o nosso. Em meio a ele, procuramos reorientar-nos – nós, seres humanos, de uma civilização ‘real-virtual’ – querendo talvez delinear de novo mapas impossíveis, quando os horizontes antes conhecidos já se esfumaram. (TAPIAS, 2006, p. 7)

Diante dessa realidade virtual que vem fazendo parte das diversas dimensões de nossas vidas, e da demanda por compreender como essa realidade vem fazendo parte da rotina dos adolescentes com os quais convivo diariamente em meu consultório, dei início à minha investigação.

Essa investigação teve como objetivo principal analisar como se dá a constituição dos processos de subjetivação de adolescentes a partir de suas relações nas redes sociais virtuais. Adotando a Netnografia como metodologia, foi formado um grupo secreto no *Facebook* com adolescentes de 14 a 18 anos, estudantes de uma escola pública e outra particular de uma cidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte, adolescentes estes especificamente convidados para essa pesquisa. O grupo ficou no ar durante treze semanas entre setembro e dezembro de 2013. Ao longo desse período foram discutidas temáticas pertinentes ao uso das redes sociais, buscando-se compreender como esse uso influencia no cotidiano desses adolescentes, e no processo de subjetivação dos mesmos, tais como: a descoberta das redes sociais, as ferramentas e aplicativos utilizados, o contato com os amigos reais e virtuais, a mediação dos pais, os limites, os riscos e as oportunidades proporcionadas pelo uso das redes. Além dessas temáticas foram acrescentadas discussões pontuais, trazidas

pelos próprios adolescentes como a influencia das redes sociais em processos sociais e políticos que se passavam no Brasil naquele momento e situações danosas divulgadas pela mídia ocorridas com adolescentes usuários de redes sociais virtuais.

No percurso da pesquisa, busquei caracterizar o perfil dos adolescentes usuários de redes sociais, analisando as condições concretas de utilização, bem como identificando as modalidades e os tipos de utilização que os adolescentes fazem das redes sociais na atualidade. Neste contexto a pesquisa também buscou investigar como o uso das redes sociais reinventa as formas de estabelecer relações interpessoais fora das redes sociais e identificar, em que medida, o acesso às redes sociais produz novos modos de subjetivação nesses adolescentes.

No recorte da pesquisa aqui relatado minha intenção é mostrar de que forma, esse espaço virtual, cada vez mais frequentado pelos adolescentes, pode ser ao mesmo tempo um espaço público, no qual a ação e o discurso de cada um podem ganhar sentido na medida em que compartilham ideias e sentimentos comuns, e um espaço privado que se configura como um lugar do íntimo e da constituição de sua individualidade. Na pesquisa, a partir dos conceitos de virtual e atual desenvolvidos por Deleuze (1996) e de espaço público e privado discutidos por Arendt (1981), foi possível perceber que meninos e meninas constroem de forma diferenciada sua ação e expressão da vida pública e privada nos espaços compartilhados das redes sociais.

CONSTITUINDO A SUBJETIVIDADE NUMA PERSPECTIVA MODERNA

A concepção de modernidade centralizou a subjetividade na figura de cada pessoa, trazendo com ela toda uma preocupação com a preservação de sua interioridade, com o respeito à sua privacidade e com uma separação entre um universo público e privado. Nesse sentido, o processo de constituição da subjetividade moderna foi longo e continua sofrendo modificações intensas até a atualidade.

Partindo da concepção deleuziana, entendemos que subjetividade é um processo de produção incessante que acontece a partir de nossos encontros com o outro, compreendendo esse outro não só como o outro social, mas também a

natureza, os acontecimentos e outras diversas situações que produzem efeito sobre nossos corpos e em nossos modos de viver. Um outro que pode ser humano e não humano.

A subjetividade pode ser vista então, como a emergência de processos que nos constituem e estão em conexão com os processos históricos, sociais, culturais, econômicos, tecnológicos, midiáticos, que fazem parte da vida do sujeito. Na mesma linha de pensamento, Guatarri (1998) traz a definição de subjetividade a partir do ponto em que o indivíduo ou coletividades emergem como territórios existenciais autorreferentes em adjacência com uma alteridade subjetiva. O coletivo seria uma multiplicidade além do indivíduo, junto ao social, e aquém da pessoa. As condições de produção dessa subjetividade evocam instâncias humanas intersubjetivas através da linguagem e instâncias não humanas o que o autor aponta como a etologia, a interação institucional, os dispositivos maquínicos e os universos de referências incorporais que surgem entre esses diferentes elementos.

A subjetividade que é, então, historicamente constituída, faz com que em cada época haja a possibilidade de um tipo de produção subjetiva, sempre múltipla e heterogênea. Esse modo de compreender a subjetividade é corroborada por Magda Dimenstein (2000) que afirma que a subjetividade não pode ser mais compreendida nos termos de uma experiência universalista, racional e estruturada do mundo privado, mas segundo ela, a subjetividade é:

Uma forma particular de se colocar, de ver e estar no mundo que não se reduz a uma dimensão individual. A subjetividade é um fato social construído a partir de processos de subjetivação, o qual é engendrado por determinantes sociais – históricos, políticos, ideológicos de gênero, de religião, conscientes ou não. Dessa forma, em diferentes contextos culturais, diferentes subjetividades são produzidas (DIMENSTEIN, 2000, p. 116-117).

Essa afirmação de Dimenstein dialoga com Guatarri (2000, p. 19) que aponta que a subjetividade pode ser descrita como “o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial autorreferencial, em adjacência ou em relação de delimitação

com uma alteridade ela mesma subjetiva”. Assim, ela pode se expressar como uma pessoa, que se inscreve num mundo de particularidades ligadas ao campo social, e em função desse campo, estar apta a fazer escolhas, a conduzir sua vida, pensar e decidir por si mesma. Mais ainda, os modos de subjetivação podem se expressar num plano coletivo, que ultrapassa o indivíduo, conectando-o ao processo grupal.

Essa conexão nos leva à análise feita por Arendt (1981) que afirma que “todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos; mas a ação é a única que não pode sequer ser imaginada fora da sociedade dos homens”. Para a autora, a ação que diz respeito à atividade que se exerce entre os homens, sem a mediação das coisas ou da matéria, “corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo” (ARENDR, 1981, p. 15).

Arendt (1981) explica ainda que alimentamos todos os dias a necessidade de sermos ouvidos e vistos no espaço público já que isso nos garantiria uma espécie de realidade ou um lugar no espaço social ao qual estamos inseridos. A ampliação da esfera privada, conforme afirma essa autora, não a transforma em pública, pois estar na companhia dos outros parece não ser mais estarmos juntos, já que ficamos cada vez mais privados de ver e ouvir os outros, tornando-nos prisioneiros de nossas subjetividades. Contudo, mesmo que a subjetividade da privacidade se prolongue e se multiplique no espaço da família e do quarto, esse mundo familiar e íntimo, não substitui a realidade dos aspectos apresentados a uma multidão cada vez maior de espectadores.

Arendt (1981) explica que o termo “público” nos remete a dois fenômenos. O primeiro significa que tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. Quando um pensamento ou um sentimento é divulgado, o privado torna-se de acesso público. Porém esse fenômeno é garantido pela condição de que os outros têm de partilhar a realidade do mundo e de nós mesmos:

Toda vez que falamos de coisas que só podem ser experimentadas na

privacidade ou na intimidade, trazemo-las para uma esfera na qual assumirão uma espécie de realidade que, a despeito de sua intensidade, elas jamais poderiam ter tido antes. A presença de outros que veem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos. (ARENDR, 2008, p. 60)

Segundo, o termo “público” significa o próprio mundo, sendo comum a todos e, ao mesmo tempo, é diferente do lugar que cada indivíduo ocupa dentro dele. O mundo refere-se ao produto das mãos humanas, sendo aquilo que separa e estabelece relação entre os homens: “A esfera pública, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros e, contudo, evita que colidamos uns com os outros” (ARENDR, 2008, p. 62). A esfera pública é reservada à individualidade, pois é o lugar em que os homens podem mostrar quem realmente são.

Já o termo “privado”, tem sua origem no sentido mesmo de privação. Para Arendt, ser privado da realidade significa ser destituído de coisas essenciais à vida, isso é, ser despojado da possibilidade de ser visto e ouvido por outros. Ou seja, “privado de uma relação objetiva com eles decorrente do fato de ligar-se e separar-se deles mediante um mundo comum de coisas, e privado da possibilidade de realizar algo mais permanente que a própria vida” (1981, p. 68).

A partir dessas premissas podemos perceber que apesar das diferenças propostas entre os dois campos, público e privado se complementam, ou seja, não é possível participar da vida social sem se libertar dos acontecimentos referentes à privacidade, e não é possível agir no espaço público caso não mantenha o que é da ordem da subjetividade.

A PUBLICIZAÇÃO DO PRIVADO NO ESPAÇO VIRTUAL

Como temos visto na sociedade atual, o que antes se poderia pensar como espaço privado, intimista, tem se publicizado através dos espaços virtuais proporcionados pelas redes sociais utilizadas pelos adolescentes a partir de seu próprio quarto. Aí os adolescentes ressignificam o mundo e as relações sociais, prolongando e multiplicando sua individualidade. Nas comunidades virtuais, mesmo

que se configurem como uma comunidade simbólica, os adolescentes não estão desconectados do espaço concreto e das interações face a face. Nesse espaço virtual as interações têm sido construídas e, muitas vezes, facilitam a demonstração de intimidade e proximidade nas relações sociais. Trata-se de uma interação que é atravessada por discursos que se dão em um universo paradoxal que transita entre o público e o privado, no qual os adolescentes que navegam nesse meio virtual constituem sua subjetividade e provocam a emergência de um sujeito que, mesmo utilizando de equipamentos coletivos e publicizados, possui seu próprio discurso e se constitui como sujeito singular.

Outro pesquisador dessas questões, Castells (2011), também afirma que há, no ambiente digital, uma simulação de espaços que mimetizam o real, criando lugares sociais (o banco, a loja, o supermercado, a praça pública, os *shoppings*) e, nesses espaços criam-se expectativas de movimento, de ação, de interação, que são próprios dos espaços públicos. Essa característica também explica o que esse autor chama de “virtualidade real”. Para ele, vivemos uma dicotomia: estamos dentro e fora da internet, estando conectados, nunca estivemos tão imersos num sistema de comunicação que configura nossos pensamentos, nossas mentes, nossas decisões. Explicando o conceito de virtual como o que existe na prática, e real como o que existe de fato, Castells (2011) afirma que “a realidade, como é vivida, sempre foi virtual porque sempre é percebida por intermédio de símbolos formadores da prática com algum sentido que escapa à sua rigorosa definição semântica” (CASTELLS, 2011, p. 459)

De acordo com as ideias de Castells, mesmo que a forma de organização em redes tenha existido em outros tempos e espaços, esse novo paradigma vem envolvendo todos os modos de estruturação social, determinando uma lógica de interesses sociais específicos que se expressam através das redes. Assim, ele diz que:

O novo sistema de comunicação transforma radicalmente o espaço e o tempo, as dimensões fundamentais da vida humana. Localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico, geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de imagens,

ocasionando um espaço de fluxos que substitui o espaço de lugares. O tempo é abnegado no novo sistema de comunicação, já que passado, presente e futuro podem ser programados para interagir entre si na mesma mensagem. O espaço de fluxos e o tempo intemporal são as bases principais de uma nova cultura, que transcende e inclui a diversidade dos sistemas de representação historicamente transmitidos: a cultura da virtualidade real, onde o faz-de-conta vai se tornando realidade. (CASTELLS, 2011, p. 462)

Dessa maneira, associando a essas ideias a atual realidade que vivemos diante da cultura digital, as mídias digitais e as redes sociais propiciam a mobilização de grupos e de comunidades em torno de ideias e práticas e ainda desencadeiam um processo de personalização excessiva, em que vemos cada vez mais presente a exposição pública do privado, o culto e a publicidade da própria imagem atingindo todas as esferas da sociedade e também em todas as suas faixas etárias.

Em pesquisa desenvolvida por Boyd (2014) nos Estados Unidos encontramos dados para uma análise crítica sobre as relações virtuais de adolescentes, mostrando como eles navegam nessas tecnologias e descrevendo as ansiedades que muitos adultos americanos têm sobre o envolvimento dos adolescentes com mídias sociais ilustrando assim as tensões entre hábitos e práticas de adolescentes e adultos.

Naquele país, uma vez que a mobilidade dos adolescentes e jovens vem se tornando restrita, as tecnologias digitais podem estar funcionando como um meio para eles saírem do espaço privado para o espaço público. Os sites de redes sociais possibilitam ampliar esse espaço.

Os adolescentes que participaram da pesquisa de Boyd (2014) reafirmam que são atraídos pelas mídias sociais ou tecnologias móveis por diversas razões, tais como a socialização, a busca pela informação, o lazer e dentre outras. Para a maioria deles, se conectar com pessoas da sua própria comunidade através das redes sociais é habitual. Sobre esse aspecto, a autora afirma que:

Os adolescentes que conheci são atraídos para as mídias sociais como Facebook e Twitter ou tecnologias móveis como aplicativos e mensagens de texto por razões completamente diferentes. Ao contrário de mim e de outros pioneiros que evitávamos a nossa comunidade local, conectados a salas de chat e bate-papos, a maioria

dos adolescentes agora estão *online* para se conectar com as pessoas de sua própria comunidade. Sua participação on-line não é excêntrica; é totalmente normal, é habitual. (Boyd, 2014, p. 4 – tradução nossa)¹

Essa prática muda a forma como os adolescentes buscam seu lugar na sociedade, expressa por meio do que Boyd chama de “público em rede”. Segundo ela “os adolescentes estão à procura de um lugar próprio para dar sentido ao mundo, além de seus quartos. As redes sociais lhes permitiram participar e ajudar a criar o que chamo de públicos em rede”. (Boyd, 2014, p 12 – tradução nossa) ². Esses públicos podem ser entendidos como grupos, estruturados pelas tecnologias em rede; como tal, tornam-se o espaço construído através dessas tecnologias e da comunidade imaginada, são o resultado da interseção de pessoas, tecnologia e prática, e são construídos em e através de redes sociais digitais e outras tecnologias emergentes.

Aqui há que se notar a relação entre espaço público e espaço privado, discutida por Arendt (1981). Nas suas palavras:

Ser visto e ouvido por outros é importante pelo fato de que todos vêm e ouvem de ângulos diferentes. É este o significado da vida pública, em comparação com a qual até mesmo a mais fecunda e satisfatória vida familiar pode oferecer somente o prolongamento ou a multiplicação de cada indivíduo, com seus respectivos aspectos e perspectivas. A subjetividade da privacidade pode prolongar-se e multiplicar-se na família; pode até mesmo tornar-se tão forte que o seu peso é sentido na esfera pública; mas esse mundo familiar jamais pode substituir a realidade resultante da soma total de aspectos apresentados por um objeto a uma multidão de espectadores (ARENDR. 1981 p. 67).

A partir dessa ideia, o que antes se poderia pensar como espaço privado, intimista, tem se publicizado através desses espaços virtuais proporcionados pelas

¹The teens I met are attracted to popular social media like Facebook and Twitter or mobile technologies like apps and text messaging for entirely different reasons. Unlike me and the other early adopters who avoided our local community by hanging out in chatrooms and bulletin boards, most teenagers now go online to connect to the people in their community. Their online participation is not eccentric; it is entirely normal, even expected. (Boyd, 2014 p. 4)

² Teens are looking for a place of their own to make sense of the world beyond their bedrooms. Social media has enabled them to participate in and help create what I call networked publics. (Boyd, 2014, p 12)

redes sociais utilizadas pelos adolescentes a partir de seu próprio quarto. Aí os adolescentes ressignificam o mundo e as relações sociais, prolongando e multiplicando sua individualidade, como mostram pesquisas de Boyd (2014), Livingstone (2002) ou Cardoso, Espanha e Lapa (2007).

Livingstone (2002) explica essa mudança do público para o privado na vida dos mais jovens, relacionando-a com o declínio da “cultura de rua” e a retirada para a casa, principalmente em contextos urbanos, e também com o declínio do convívio familiar em torno de outras formas de aparelhos compartilhadas como é o caso da tv e dos videogames. Essa autora ainda identifica duas grandes tendências ao comparar os adolescentes da década de 1950 com os adolescentes contemporâneos apontando que há “uma contínua mudança do tempo de lazer fora de casa para [...] o tempo de lazer dentro de casa” e a “multiplicação contínua de *media* em casa” revelando mudanças na forma como se usam essa tecnologia. Essa prática revela uma transformação da individualização como uma nova forma de paradigma da subjetividade e da intimidade contemporânea na sociedade ocidental. Essa mudança não exclui os adolescentes, afetando as suas relações com os meios de comunicação, como salienta Livingstone (2002).

No estudo que realizei com adolescentes brasileiros de uma cidade da região metropolitana de Belo Horizonte, com objetivo de compreender como o uso das redes sociais influencia no cotidiano desses jovens e no processo de subjetivação dos mesmos, abordei a temática da publicização de informações a partir de uma questão colocada aos adolescentes com os quais trabalhei em dois momentos: uma no grupo de discussão virtual e outra no grupo focal.

A questão posta para o debate virtual dos adolescentes foi a da exposição da intimidade, realidade que tem feito parte das preocupações de seus pais e educadores:



Vanina Dias
17 de novembro de 2013

Bom dia pessoas! Estes últimos dias temos visto algumas situações na internet, que não são novidades, mas que estão cada vez mais perto da gente, que é a exposição de fotos e vídeos de pessoas em situações mais íntimas, sozinhos ou com um companheiro ou companheira que, de alguma forma, pode prejudicar a própria pessoa ou pessoas envolvidas com ela. Gostaria de saber qual é a opinião de vocês a respeito desse tipo de exposição e como agiriam se você fosse envolvido numa situação como essa?

Curtir - Comentar

Esse fato, que tem se tornado corriqueiro nas mídias, tem chamado a atenção dos adolescentes que se posicionam diante dele com rechaço, afirmando que as pessoas que praticam tais atos ‘não têm o que fazer’ ou são inconsequentes quando tomam atitudes como a relatada por mim. Com diz Ricardo (16a):



Acho a pessoa que postou a foto muito idiota, pois se vc posta algo em uma rede social vai ficar ali para sempre. Odeio as pessoas que fazem esse tipo de coisa. Se eu fosse envolvido n seria mais amigo de tal pessoa

A postagem de Ricardo (16a) chama a atenção para a publicação de vídeos e fotos pessoais em suas páginas de redes sociais, ou seja, essa tendência crescente de publicizar a vida privada e expor a intimidade nos espaços virtuais. Mesmo que haja a impossibilidade real de mostrar por completo o que é da ordem do íntimo, como já afirmava Arendt (1981), a necessidade de ser ouvido e visto nos espaços públicos (aqui os virtuais) pode garantir um reconhecimento no grupo ao qual se pertence. As características das redes sociais refletem as peculiaridades de nossos modos de subjetivação, que na atualidade privilegiam o individual em detrimento do coletivo e o privado, em detrimento do público. Essa funcionalidade propicia, justamente, promoção e facilitação da publicização da dimensão privada e com isso da intimidade

de cada sujeito.

Contudo, o excesso da exposição da intimidade pode trazer consequências danosas para a própria pessoa que se expõe. Como complementa Anderson (14a) em seu *post*:



no meu ponto de vista muitas pessoas se deixam levar por apenas momentos pois existem fakes eles mandam fotos de uma pessoa de outro lugar do mundo que nao seja isso e por isso acabam revelando fotos ou videos isso e muito arriscado por isso na minha opinião não deve ser feito se quiser algo mais intimo com alguém chame ela pessoalmente uma maneira muito mais fácil.

Ainda que a internet e as redes sociais sejam uma constante na vida diária dos adolescentes, eles ainda trazem em seus hábitos posições que os levam de volta a comportamentos tradicionais e comuns de gerações anteriores, como afirmou Anderson (14a) em sua postagem ao dizer que num encontro mais íntimo prefere o encontro pessoal.

Os adolescentes também veem esse tipo de prática como algo prejudicial à própria imagem e a própria intimidade, como relata Luma (15a):



conheço pessoas que mandaram fotos intimas para terceiros,e não se deram muito bem com isso,as pessoas não pensam nas consequências dos seus atos e acabam se deixando levar.Eu acho ridículo.

Em sua afirmação, Luma mostra que é preciso estar atento ao que há do outro lado da tela do computador ou *smartphones*, pois muitas vezes tornar público uma imagem pessoal e íntima pode trazer consequências danosas para o próprio adolescente que se arrisca nesse tipo de prática.

Por outro lado há aqueles que usam a internet como uma forma de exposição e porque não dizer, de publicização, como é o caso de Nádia (16a):



Eu não escrevo quase nada em meu perfil , apenas publico fotos e quando as pessoas deixam algo em meu mural vou e comento

Na medida em que usam as redes sociais como uma forma de postarem suas fotos em eventos públicos ou mesmo em situações mais privadas, os adolescentes buscam reafirmarem sua imagem e reinventam-se nesse espaço virtual. Na medida em que disponibilizam, eles mesmos, informações sejam elas escritas ou ainda através de imagens, vídeos e *links* postados sobre suas vidas pessoais. É o que afirmam também Joana (14a) e Luma (15a):



Publico mais fotos, as vezes compartilho frases e textos que falam sobre sentimentos.



Compartilho sempre frases , textos dependendo do meu humor ..e geralmente publico fotos ^^

Além da publicização de seus gostos, suas opiniões e suas próprias imagens, ao compartilharem seus sentimentos e estados de humor, as postagens e os perfis dos adolescentes no Facebook revelam aspectos de sua subjetividade: uma subjetividade visível, uma forma de ser que se aprimora para ser mostrada não apenas para seus

pares, mas também para aqueles que de alguma forma se ligam à sua rede. É o que Boyd (2014) chama de visibilidade (possibilidade de ser visto pelo outro)

Esse tipo de prática, percebida não apenas nas postagens, mas também na análise dos perfis de cada adolescente, revela que a forma com que eles têm usado suas páginas no Facebook torna esse território um espaço no qual desenvolvem relações rizomáticas, ou seja, relações que proporcionam a criação de um “si” ou vários deles, conforme as possibilidades constituídas nesse ambiente virtual. Como um rizoma que não é Uno nem múltiplo, mas permite a criação de multiplicidades, os perfis desses adolescentes nas redes sociais que se configuram de diversas formas possíveis, podem se tornar inúmeros a depender das relações que estabelecem com novos perfis que se conectam. Tanto a exposição de suas imagens e sentimentos quanto a busca por informações e conhecimento, revelam perfis que estão a cada dia se constituindo subjetivamente, mas nunca se fecham, abrindo possibilidades de novos encontros e agenciamentos.

40

REFLEXÕES FINAIS

Essa nova forma de se relacionar para além do espaço e do tempo, traz uma sensação na qual as redes virtuais desterritorializam o tempo e o espaço, possibilitando a coexistência de ambientes que marcam essa característica de multiplicidade da internet. Essa rede híbrida, onde os sujeitos se relacionam de diversas formas e com diversos objetivos, tem se tornado um ambiente cada vez mais presente no cotidiano dos adolescentes uma vez que ela vem se diversificando, sendo feita através de seus celulares e *smartphones*, compartilhados também nos encontros presenciais e usados para postar as notícias desses encontros presenciais em tempo real, ampliando assim sua rede de sociabilidade.

Por outro lado, o contato presencial não elimina o acesso à rede virtual, que vem se preenchendo de objetos mundializados e construídos pelos próprios adolescentes em seus encontros presenciais. Na internet, espaço que se constitui em grande parte por imagens e relações que são alimentadas por seus usuários, revela-se

e desvela-se a realidade social e individual de cada um, publicizando aquilo que antes seria apenas da ordem do privado. A partir do momento em que seus gostos, suas opiniões e suas próprias imagens, como também seus sentimentos e estados de humor, são compartilhadas, os adolescentes mostram o que há de sua subjetividade que se aprimora para desvelar aquilo que desejam que seja visto. Uma subjetividade construída na imanência, uma imanência real e virtual que aponta para fluxos de vida e singularidades.

Quando tornam públicas suas singularidades, os adolescentes revelam o que há por viver e existir, traspassando outros modos de existir, formatando outros sentidos aos seus encontros e aos seus corpos. Os adolescentes dessa pesquisa mostraram que distinguem as noções de público e de privado, estando conscientes das diferenças entre aquilo que é do domínio da sua privacidade e do domínio das suas publicações *online*. Na medida em que publicizam o que antes era evidenciado em seus espaços privados como a escola, a casa e mais especificamente o quarto, o registro daquilo que vivem passou a ser, para os adolescentes, também um novo modo de interação com seus pares, não abrindo mão completamente de sua privacidade, mas manejando de forma diferente essas interações e socializações e mantendo seus espaços de intimidade.

Em seu estudo sobre a presença de adolescentes norte-americanos em sites de redes sociais, Boyd (2008) já apontava que estes se movimentam, sem problemas, entre diferentes espaços e sua participação mais efetiva está intrinsecamente ligada aos encontros presenciais que são complementados pelos encontros virtuais. Da mesma forma, os adolescentes da minha pesquisa também revelam que muitos dos amigos conectados através das redes sociais são os mesmos que participam como destinatários do processo que podemos chamar de autorrevelador daquelas questões mais sensíveis e com os quais se estabelecem laços de amizade mais fortes, nos seus diferentes contextos.

Os adolescentes têm uma boa compreensão acerca dos riscos associados à utilização destas ferramentas quando acessam a internet de forma intensa, o que

possibilita a exposição às ameaças que podem surgir através desse acesso. Contudo, não consideram as redes sociais como um meio que traga alienação social ou empobrecimento das relações sociais. Como se viu também nos outros estudos, somente a partir da prática e do conhecimento do que se passa nas redes é possível garantir o desenvolvimento de habilidades que possibilitam um modo de uso seguro e responsável dessa tecnologia.

Tomando o adolescente como um sujeito social 'inacabado', afetado pelas mudanças sociais, estamos diante de um sujeito que se inscreve numa nova constituição subjetiva, resultado de suas vivências pessoais, interpelado e transformado nas trocas com a cultura e a sociedade em que está inserido. Um sujeito que, como nos ensinou Vygotsky (1996) é um ser histórico, dotado de singularidades, que se constitui e é constituído em movimento pelas relações sociais e culturais vividas ao longo do seu tempo.

Em se tratando hoje de sujeitos agenciados pela virtualidade, coexistindo nas relações que estabelecem através das redes sociais nas quais se associam, os adolescentes lidam com as multiplicidades propostas por esse espaço virtual, estabelecendo contatos com pessoas, culturas e histórias que atravessam a produção de sua subjetividade. Uma subjetividade que se coloca como móvel, desterritorializada, atravessada por modos de existência afirmativos, por cruzamentos, que não a deixam ser capturada pela forma, mas por singularidades e intensidades que se constituem através das relações que estabelecemos.

As novas tecnologias, e com elas as redes sociais virtuais, trouxeram esse desafio para a compreensão do modo como o acesso a essas redes produz novos modos de subjetivação; por isso foi relevante compreender em que medida os adolescentes se constituem nesse processo mediado pelos sentidos e significados que atribuem ao seu mundo, a partir da relação que estabelecem com o meio - real e virtual - e consigo mesmo.

Se entendermos até aqui que esses novos modos de constituição da subjetividade estão pautados nessa nova forma de sociabilidade da adolescência

contemporânea em suas relações com a realidade virtual, precisamos compreender como esse adolescente se afirma como um ser histórico, dotado de singularidades e se constitui e é constituído em movimento pelas relações sociais e culturais vividas ao longo desse tempo e nesse processo.

REFERÊNCIAS:

ARENDDT, Hannah.(1981) *A condição humana*. Rio de Janeiro, Forense.

BOYD, Danah.(2014) *It's complicated – the social lives of networked teens*. USA: Yale University Press. Disponível em :< www.danahboyd.org/>. Acesso em: 5 set. 2014.

CASTELLS, Manuel. (2011) *A sociedade em rede*. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra.

CARDOSO, Gustavo. ESPANHA, Rita. LAPA, Tiago.(2007) *E-Generation: Os usos de media pelas Crianças e Jovens em Portugal*. Lisboa: CIES – ISCTE.Disponível em: <<http://cies.iscte.pt/destaque/documents/E-generation-pdf>> Acesso em 16/01/2015.

DELEUZE, Gilles. (1996) O atual e o virtual. In: ALLIEZ, Eric. *Deleuze filosofia virtual*. Rio de Janeiro: Editora 34, pág 47- 56.

DIAS. Vanina C. (2016) *“Morando na Rede”*: Novos modos de constituição de subjetividades de adolescentes nas redes sociais. Curitiba. CRV.

DIMENSTEIN, Magda (2000). *A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista*: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. *Estudos de Psicologia*, v. 5 (1), pág. 95-121.

GUATTARI, Felix. (2000) *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34.

GUATTARI, Felix. (1998). Da produção de subjetividade. In PARENTE. André (Org.), *Imagem máquina: a Era das tecnologias do virtual* Rio de Janeiro: Editora 34, pág. 177-191.

LIVINGSTONE, Sonia.(2002) *Young People and Media: Childhood and the Changing Media Environment*. London: Sage.

TAPIAS, José Antônio P. (2006). *Internautas e naufragos: a busca do sentido na cultura digital*. São Paulo: Edições Loyola.

VYGOTSKY, Lev. S. (1996) [1932-1934] *Obras Escogidas* IV. Madrid: Visor.

SOBRE A AUTORA:

Vanina Costa Dias – Psicóloga Clínica, Doutora em Psicologia pela PUCMINAS com PDSE na Universidade Nova de Lisboa e Mestre em Educação pela PUCMINAS; Professora da Fundação Pedro Leopoldo, no curso de Direito e em Licenciaturas e coordenadora da Unidade de Atendimento Psicopedagógico. Professora na FaE/ UEMG na disciplina Psicologia da Educação. Pesquisadora no Grupo Além da Tela: Psicanálise e Cultura Digital do Curso de Psicologia da Fafich/UFMG. E-mail: vaninadias@gmail.com